

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## Vitrine da arte jovem

Uma exposição em Berlim exibindo trabalhos de jovens artistas de várias partes do mundo que vivem e produzem aqui traz à tona uma velha polêmica local: se Berlim precisa ou não de uma Kunsthalle, ou seja, um moderno pavilhão para exposições de arte contemporânea. “Based in Berlin” já nasceu controversa. O projeto anunciado pelo prefeito Klaus Wowereit em outubro de 2010 com o título “Vitrine da arte jovem de Berlim” desagradou e provocou reação da classe artística. Uma carta-aberta com duras críticas foi endereçada ao prefeito. Escrita pelo artista Florian Wüst e pela curadora Ellen Blumenstein, do projeto Salon Populaire, a carta circulou, chegou à imprensa e reuniu 2.500 assinaturas.

Foram colocadas em discussão questões como o nome inadequado, o critério de escolha dos artistas e dos curadores e a origem do orçamento do projeto. Este grupo defende que o custo de €1,6 milhão para um evento de seis semanas é exorbitante comparado à verba anual da cidade para artistas e instituições locais. Já os curadores argumentam que boa parte do orçamento foi gasto em cachês para os artistas e produção de novos trabalhos, o que é incomum. Esta exposição se baseia em uma ideia antiga de Wowereit de construir uma Kunsthalle em Berlim com investimento do setor privado. Na tentativa de legitimar a necessidade deste novo espaço, foi inaugurada em 2008, próximo à Ilha dos Museus, a Temporäre Kunsthalle. Com foco em arte contemporânea e de olho no público dos museus, o projeto não teve o sucesso esperado mesmo quando, numa jogada para atrair mais visitantes, a entrada passou a ser gratuita. O local foi desmontado no fim de 2010.

Para “Based in Berlin”, a proposta era construir um outro pavilhão temporário no local onde o prefeito sonha em ver a Kunsthalle definitiva — uma área nobre, à beira do rio e vizinha dos novos prédios do governo e do museu Hamburger Bahnhof. Quem é contra a ideia argumenta que já existem espaços que trabalham no segmento da arte contemporânea produzida em Berlim. Veio daí a decisão de envolver espaços e iniciativas locais na exposição.

O projeto começou no verão de 2010, quando os prestigiados curadores Klaus Biesenbach (MoMA e PS1, Nova York), Christine Macel (Centre Pompidou, Paris) e Hans Ulrich Obrist (Serpentine Gallery, Londres) se encontraram com o prefeito de Berlim para discutir o conceito de uma exposição que tornasse visível a atual produção artística da cidade.

Desta reunião surgiu a ideia de estabelecer um grupo de curadores jovens que teriam uma relação mais direta com a arte da sua geração. Dos 40 candidatos, os escolhidos foram Angelique Campens, Fredi Fischli, Magdalena Magiera, Jakob Schillinger e Scott Cameron Weaver, todos entre 24 e 32 anos. Após receberem mais de mil portfólios, eles saíram em campo visitando ateliês, galerias e espaços da cena local. “Havia duas regras no jogo, os artistas estarem atuando em Berlim e terem aparecido nos últimos cinco anos”, declarou Fredi Fischli, o mais jovem dos curadores, 24 anos.

Resultado: uma exposição com mais de 80 obras de artistas de 26 países, ocupando os espaços de quatro instituições: KW Institute for Contemporary Art, Nationalgalerie im Hamburger Bahnhof, n.b.k (Neuer Berliner Kunstverein) e Berlinische Galerie, além do Atelierhaus Monbijoupark, edifício que sediou até março uma faculdade de artes e será demolido em agosto, após a mostra. Biesenbach, Macel e Obrist deram à “Based in Berlin” um certo ritmo, aconselhando os curadores mais na montagem do que no processo de seleção dos artistas.

Tem quem critique a exposição alegando falta de um fio condutor unindo os trabalhos. Mas este não era o objetivo dos curadores. A proposta é apresentar um instantâneo da produção local e, através da programação paralela, alimentar o discurso sobre essa produção, aproximando-a do grande público.

Entre os artistas ditos emergentes — mas nada desconhecidos por aqui — estão a *videomaker* israelense Keren Cytter e duas artistas indicadas

ao prêmio deste ano da Neue Nationalgalerie, a sueca Klara Lidén e a alemã Kitty Kraus.

O vietnamita-dinamarquês Danh Vo, vencedor do prêmio blueOrange em 2007, participa com uma obra ao ar livre no Monbijoupark: uma reprodução da tocha da Estátua da Liberdade. A peça é apenas um fragmento do trabalho que Danh Vo está preparando para a Documenta de Kassel 2012, sua versão da estátua na escala 1:1.

Outra obra que chama atenção é “Nothing to see, nothing to hide” do sul-africano Mandla Reuter. Ele tematiza a futura demolição do Atelierhaus Monbijoupark, levando para outro espaço da exposição, a n.b.k, um janelão grafitado e sacos de rafia contendo pedaços de tijolo e concreto, material recolhido no parque após a demolição de um dos ateliês.

Reproduções de cartazes do filme *cult* “Christiane F.” em diferentes idiomas estão espalhados por Berlim como chamariz para o trabalho do canadense Jeremy Shaw, cuja obra usa linguagem da *street art*. Uma colagem destes cartazes pode ser vista em um paredão do Monbijoupark. “Based in Berlin” é uma exposição que chegou com atitude e quer entrar para o calendário da arte como um novo evento entre a Bienal de Veneza e a Art Basel. Com entrada franca, fica em cartaz até 24 de julho.

“Based in Berlin” é uma exposição que chegou com atitude e quer entrar para o calendário da arte

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso